

A RELAÇÃO ENTRE A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E A RESILIÊNCIA EMOCIONAL NA GESTÃO: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES PORTUGUESAS

KAIQUE DIAS BENTO

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

VANESSA AVELINO GOMES

Introdução

A espiritualidade, inteligência espiritual e resiliência emocional têm despertado um interesse crescente junto da comunidade acadêmica, organizações e indivíduos, como pode ser visto nos estudos sobre a espiritualidade (Pacheco, 2012), inteligência espiritual (Antunes, 2016, 2018; King, 2008, Zamani & Hajjalizadeh, 2015), sobre a resiliência emocional (Brandão & Nascimento, 2019; Denyer, 2017); e sobre a relação entre a inteligência espiritual, a resiliência e o stress percebido (Khosravi & Nikmanesh, 2014), por exemplo.

Problema de Pesquisa e Objetivo

A atitude de resiliência por parte de gestores e colaboradores permite que as empresas respondam com maior eficiência a períodos de recessão, e se adaptem positivamente diante de condições desafiadoras, aproveitando oportunidades e oferecendo melhoria de desempenho sustentável (Denyer, 2017). É, assim, essencial tanto para a sobrevivência da empresa, quanto para a saúde emocional, física e mental do colaborador no dia a dia (Bakker et al., 2012). Objetiva-se analisar a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em cargos de gestão de empresas.

Fundamentação Teórica

Para Fry et al. (2011), as organizações que não incorporarem a espiritualidade no local de trabalho fracassarão em fazer as mudanças para o paradigma da organização que aprende, necessária ao sucesso no século XXI. Os gestores bem-sucedidos no século XXI serão líderes espiritualmente inteligentes (Cacciope, 2000). Serão ainda mais bem-sucedidos do que outros gestores por desempenharem a sua função com paixão; e por isso, em momentos de decisões difíceis, possuirão força interior que os tornam mais eficientes e eficazes (Rego & Cunha, 2013).

Metodologia

O questionário foi aplicado de forma on-line mediante envio de link do Google forms. Tal instrumento inclui, em sua parte inicial, um conjunto de questões que visam recolher dados sociodemográficos sobre os respondentes. Para medir a inteligência espiritual foi usado o Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual com 16 itens, IAIE-16, versão da escala SISRI-24 de King (2008) validada para o português através das pesquisas de Antunes (2016). A SISRI-24 é uma das escalas mais utilizadas pelos investigadores ao redor do mundo, nos mais diversos campos do conhecimento.

Análise dos Resultados

A pesquisa revela que, quanto mais elevada a inteligência espiritual, maior a resiliência emocional. Na prática, isso sugere que a utilização e o bom uso da inteligência espiritual no dia a dia podem fazer com que as pessoas enfrentem os seus problemas da melhor maneira possível, tornando-se resilientes emocionalmente frente aos desafios que aparecem em todos os aspectos da vida, e claro, dentro das organizações que fazem parte.

Conclusão

A pesquisa revela que, quanto mais elevada a inteligência espiritual, maior a resiliência emocional. Na prática, isso sugere que a utilização e o bom uso da inteligência espiritual no dia a dia podem fazer com que as pessoas enfrentem os seus problemas da melhor maneira possível, tornando-se resilientes emocionalmente frente aos desafios que aparecem em todos os aspectos da vida, e claro, dentro das organizações que fazem parte.

Referências Bibliográficas

Antunes, R. R. (2016). Liderança pedagógica, bem-estar e inteligência espiritual em educadores de infância e professores dos ensinos básico e secundário. Tese de doutoramento inédita, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação, Lisboa. Antunes, R. R., Silva, A. P., & Oliveira, J. (2018). Spiritual intelligence self-assessment inventory: Psychometric properties of the Portuguese version of SISRI-24. *Journal of Religion, Spirituality & Aging*, 30(1), 12-24. doi: 10.1080/15528030.2017.1324350.

Palavras Chave

Inteligência Espiritual, Resiliência Emocional, Resiliência nas Organizações

A RELAÇÃO ENTRE A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E A RESILIÊNCIA EMOCIONAL NA GESTÃO: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES PORTUGUESAS

RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito analisar a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em cargos de gestão de empresas. Para tanto, foi aplicado um questionário composto por duas escalas: uma de inteligência espiritual (Inventário de autoavaliação de inteligência espiritual – IAIE com 16 itens, versão portuguesa da escala SISRI-24) e outra de resiliência emocional (Connor and Davidson Resilience Scale with 10 itens – CD-RISC-10), além de um conjunto de variáveis sociodemográficas. Esta pesquisa contou com a participação de 104 gestores portugueses. Para analisar os dados foi utilizado o programa SPSS versão 26. As pontuações dos respondentes na escala IAIE e suas dimensões apontam para níveis médios de inteligência espiritual, o mesmo se verificando na escala de resiliência emocional. Os testes de comparação de médias revelam a existência de diferenças estatisticamente significativas nas escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional em função de algumas variáveis demográficas e profissionais. No que concerne a relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional na gestão, encontrou-se uma correlação positiva, embora baixa.

Palavras-chave: Inteligência Espiritual. Resiliência Emocional. Resiliência nas organizações.

1 INTRODUÇÃO

A espiritualidade, inteligência espiritual e resiliência emocional têm despertado um interesse crescente junto da comunidade acadêmica, organizações e indivíduos, como pode ser visto nos estudos sobre a espiritualidade (Pacheco, 2012), inteligência espiritual (Antunes, 2016, 2018; King, 2008, Zamani & Hajjalizadeh, 2015), sobre a resiliência emocional (Brandão & Nascimento, 2019; Denyer, 2017); e sobre a relação entre a inteligência espiritual, a resiliência e o *stress* percebido (Khosravi & Nikmanesh, 2014), por exemplo.

A espiritualidade ganhou força nas últimas duas décadas, com diversos pesquisadores desenvolvendo estudos com o objetivo de averiguar se a espiritualidade – designadamente a busca de sentido para a vida e para os atos, a capacidade de integração de todos os aspetos que se relacionam com a pessoa e o trabalho, bem como a atenção dada ao outro – afeta o desempenho dos trabalhadores nas organizações (Tecchio, 2015). Ainda para tal autor, muitos temas dentro da espiritualidade nas organizações ainda não foram completamente explorados, sendo a Inteligência Espiritual uma dessas dimensões. Apesar de ser um tema muito próximo ao da espiritualidade, trata-se de um tema distinto (Antunes, 2016).

A inteligência espiritual permite que as pessoas sejam criativas, mudem as regras e alterem situações, o que está intimamente ligado com estratégias de conduta – e mesmo de negócios – a que estão sendo submetidas na gestão no dia a dia organizacional (Zohar & Marshall, 2004).

A importância da resiliência emocional no ambiente de trabalho está no fato de gestores e colaboradores resilientes possuírem hábitos que auxiliam a suportar momentos de *stress*, além de ter um aumento na sua produtividade. Além disso, permite que as pessoas se sintam mais estimuladas e fortalecidas a serem mais empreendedoras, o que colabora com o crescimento da organização (Moraes, Resende & Leite, 2007). Para Connor e Davidson (2003), autor da escala de resiliência emocional *The Connor and Davidson Resilience Scale (CD-RISC)*, a qual foi utilizada nesta pesquisa, a resiliência pode ser um meio importante para tratamento de reações de *stress* e ansiedade. Conforme Bakker, Rodríguez-Muñoz e Derks (2012), a resiliência é um dos objetivos importantes capazes de explicar a variância em *scores* de engajamento no trabalho. Para os autores, a resiliência é um recurso pessoal capaz de facilitar este engajamento,

capaz de ajudar a controlar e de ter um impacto sobre o sucesso no seu ambiente de trabalho, e de conquistar sucesso na carreira, ou seja, de realizar-se profissionalmente.

A atitude de resiliência por parte de gestores e colaboradores permite que as empresas respondam com maior eficiência a períodos de recessão, e se adaptem positivamente diante de condições desafiadoras, aproveitando oportunidades e oferecendo melhoria de desempenho sustentável (Denyer, 2017). É, assim, essencial tanto para a sobrevivência da empresa, quanto para a saúde emocional, física e mental do colaborador no dia a dia (Bakker et al., 2012).

Frente ao exposto, este estudo teve como objetivo analisar a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em cargos de gestão de empresas.

Com relação a relevância da pesquisa, há uma lacuna investigativa, ressaltando poucos estudos desenvolvidos sobre a temática (Antunes, 2016). A relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, até onde se tenha conhecimento, tem sido estudada por alguns investigadores do Oriente Médio e da Índia (Dodman & Moradi, 2015; Hatami et al., 2019; Partovi & Boland, 2016; Saboori & Mohammadi, 2017; Salmabadi et al., 2016; Sogolitappeh, 2018; Sood & Bakhshi, 2013). Em Portugal e no Brasil, em especial no contexto de trabalho português, não foram encontradas, até o presente momento, investigações acerca das temáticas expostas tratadas de maneira conjunta.

Tendo em consideração a lacuna investigativa dos temas expostos, este estudo pretende suscitar questionamentos, debates e reflexões sobre a temática da resiliência emocional e da inteligência espiritual. Busca-se, com isso, contribuir com o campo científico das ciências sociais, conduzindo investigação sobre estas novas problemáticas no campo da gestão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

Esta seção teórica se inicia pela abordagem de dois conceitos nem sempre convenientemente clarificados quando se trabalha a problemática da inteligência espiritual: espiritualidade e religiosidade que, por serem constructos com algumas semelhanças, são por vezes confundidos.

Espiritualidade advém de espírito, palavra que deriva do latim “*spiritus*”, que significa “o que dá vida, sopro ou alento de vida; àquilo que dá vitalidade ao sistema” (Sousa, 1992; Zohar, 1997). A espiritualidade, por conseguinte, é o ato do espírito (Zohar, 1997). Sob a visão filosófica de Foucault (2006, p.19-21):

a espiritualidade traduz o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, entre outros; que constituem não para o conhecimento, mas para o sujeito, o preço a pagar para se ter acesso à verdade.

Ainda conforme (Foucault, 2006, p. 21): “há a necessidade de que o sujeito se torne em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito ao acesso à verdade”. Para Cavanagh e Bandsuch (2002), a espiritualidade é aquilo que fornece o sentido para o indivíduo e o mundo em que ele vive. É o processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no íntimo do ser humano em direção ao mundo exterior. É estar engajado em algo maior do que nós, estar e trabalhar com o que nos preocupamos, sendo esse um constructo vital (Vasconcelos, 2007).

Para Solomon (2003), a espiritualidade é uma noção de nós estarmos identificados com outras pessoas e com o mundo. Ela implica a busca de significado para a vida, de forma a ligar o ser humano com o seu “eu” e com os outros, oferecendo um sentido de conexão, descobrimento e propósito pessoal (Bruce, 2000). Dessa maneira, espiritualidade simboliza a busca do ser humano por significado, profundidade e valores, descrevendo como uma pessoa se transcende, orientando as suas ações em direção aos outros, a si próprio, ao seu ser, aos seus valores e práticas fundamentais (Antunes, 2016; Tomlinson, Glenn, Paine & Sandage, 2016).

King et al. (2012) afirmam que a espiritualidade envolve o sentido de uma pessoa, de um relacionamento ou a conexão com um certo poder ou força no universo que vai além do contexto atual da realidade.

No contexto do trabalho, a espiritualidade implica em “externar plenamente todo o arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam” (Vasconcelos, 2007, p. 17).

A religião, por outro lado, é um sistema de crenças, rituais e símbolos organizados na busca de aproximar ao sagrado (Moreira-Almeida, Neto & Koenig, 2006). A própria raiz da palavra parece indicar para o fato da palavra religião ter surgido do latim *religare*, que significa religar, “unir”, “atar”, neste caso, o ser humano a um ser divino, sobrenatural (Araújo et al., 2008; Dicionário Etimológico, 2018; Sousa, 1992). Assim como a espiritualidade, também fornece um sentido de conexão, descobrimento e propósito pessoal, sendo que a religião se serve de espaços sagrados, preces e/ou orações, mantras, cerimônias de cultos, entre outras práticas (Araújo et al., 2008).

Segundo Kale (2004), a pessoa que vive a sua vida na perspectiva da espiritualidade o faz independente de qualquer tipo de religião; enquanto que a religiosidade praticada por determinada pessoa é apenas uma forma de nutrir, compreender e explicar a espiritualidade na ótica da crença num Ser Superior.

2.2 INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL (IE)

A inteligência espiritual ou coeficiente espiritual (do Inglês, *Spiritual Quotient* ou SQ) apareceu pela primeira vez com a concepção de inteligência existencial, nos estudos de Howard Gardner em meados do século XX. A sua teoria sobre as inteligências considera que o ser humano possui múltiplas inteligências e não apenas a inteligência racional, como se pensava nos séculos anteriores. A sua primeira obra contém a descrição de 7 dimensões da inteligência, quais sejam: lógico-matemática, linguística, espacial, físico-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e musical.

Entretanto, foi somente em 1995 que o mesmo incluiu a existência de mais dois tipos de inteligência: A inteligência natural – que corresponde a capacidade para reconhecer e classificar espécies da natureza – e a inteligência existencial, tida como a capacidade de o indivíduo refletir sobre questões fundamentais da vida (Gardner, 1995).

O autor foi o primeiro a relatar sobre a Inteligência Espiritual da maneira como se conhece atualmente, tendo dado margens para que outros investigadores pudessem aprofundar este novo tipo de inteligência. Gardner considera na sua teoria, todavia, que cada ser humano possui alguns desses nove tipos de inteligência mais desenvolvidos do que outros. Desta maneira, a inteligência existencial pode ser mais desenvolvida em alguns indivíduos do que em outros. Alguém que possua um alto nível de coeficiente racional, por exemplo, pode não necessariamente ter um alto coeficiente existencial e isso é perfeitamente aceitável e entendido se considerarmos que cada indivíduo desenvolve talentos diferentes. Apesar de Gardner ter apresentado o conceito sobre inteligência existencial, o mesmo não considera a espiritualidade um tipo de inteligência.

Para Torralba (2017) existem 7 pontos essenciais para os quais a inteligência espiritual nos capacita: 1. Sentido da existência; 2. Tomar distância da realidade; 3. Transcender; 4. Surpreender-se; 5. Sentir-se parte de um todo; 6. Investigar a razão que temos no mundo e 7. Vivenciar o momento presente.

Um estudo realizado por Tischler, Biberman e Mckeage (2002) revela que pessoas com elevado nível de inteligência espiritual são mais saudáveis, felizes e produtivas no ambiente de trabalho. Para além disso, a inteligência espiritual difere das inteligências emocional e racional por ser “o conjunto de habilidades que um determinado indivíduo tem para aplicar, manifestar

e incorporar recursos espirituais, valores e qualidades de maneiras que possam abrilhantar as funções diárias e conforto pessoal” (Amram & Dryer, 2008, p. 3).

2.3 RESILIÊNCIA EMOCIONAL

Conforme Yunes e Szymanski (2003, p. 2), no dicionário da língua inglesa encontram-se dois entendimentos para a palavra resiliência:

o primeiro refere-se à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito após passar por situações adversas ou de risco, problemas internos de saúde, bem-estar, família ou problemas externos de trabalho, causados pelo meio ambiente ou aqueles crônicos como a perda e a morte. A segunda definição é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: maleabilidade. Sendo este último termo endereçado ao conceito original de resiliência atribuída à física, que busca entender e estudar até que ponto um material sofre impacto e não se deforma.

Nestas definições encontramos que o termo se aplica tanto a materiais quanto aos indivíduos. Para Sabbag (2012, p. 26), resiliência “é a competência dos indivíduos ou organizações que fortalece, permite enfrentar e até aprender com as adversidades e desafios”. Conforme Brandão e Nascimento (2019), é importante que se evite essa ideia da existência de riscos ou eventos adversos universais que atingiriam de maneira semelhante a todos. Assim, o que é adverso para um, pode ser fator de proteção para outro. Por exemplo: uma pessoa pode ter vivido na pobreza durante toda a sua infância e ter passado fome e, na vida adulta, pode ter pânico de ficar sem comida em casa. Enquanto outra, passando pelos mesmos eventos, pode não ter desenvolvido esse pânico.

Diante disso, Brandão e Nascimento (2019) consideram um avanço que grande parte das pesquisas atuais nomeiem as adversidades como estressores ou eventos estressantes. Assim, as autoras concluem que o que é adverso para determinado sujeito pode ser neutro para outro que não se sinta atingido pelo objeto em questão; no segundo caso, pode-se concluir que não houve um processo de resiliência, visto que o evento sendo considerado neutro não alterou o equilíbrio do indivíduo ou não exigiu esforços de enfrentamento.

Apesar da consideração das autoras sobre a adversidade como algo que pode variar de um indivíduo para o outro, deve-se levar em consideração que existe uma parcela de eventos consideráveis que podem ser considerados universalmente traumáticos, de risco ou adversos, mesmo que haja exceções à regra. Deve ser levado em consideração o impacto de uma guerra na vida daqueles que a vivenciaram, o impacto de um abuso físico, psicológico ou emocional, de uma perda de um ente querido, entre outros (Brandão & Nascimento, 2019).

Masten, Best e Garmezy (1990) distinguem o fenômeno da resiliência em 3 grupos: (1) aqueles que mostram melhores resultados do que o esperado quando em situações de risco; (2) aqueles que apresentam a manutenção de uma positiva adaptação apesar da ocorrência de eventos estressantes; (3) e, por fim, aqueles que são bons em se recuperarem de traumas.

Por fim, no que se refere à Resiliência nas Organizações, Tavares (2002) considera que as organizações mais democráticas, eficazes e persistentes são aquelas cujos gestores e colaboradores têm níveis elevados de resiliência emocional, sendo assim mais bem capacitados a responder aos novos desafios da atualidade.

3 METODOLOGIA

A pesquisa em questão classifica-se como quantitativa e correlacional transversal. Neste estudo, as variáveis apresentadas são inteligência espiritual e resiliência emocional. O coeficiente utilizado nesta pesquisa foi o coeficiente de Spearman.

Os participantes deste estudo foram gestores portugueses de diferentes ramos e setores (indústria, serviços/comércio, dos setores privado e público). A opção por esse perfil se deu em

virtude da importância da gestão na organização e da influência dos gestores sobre os trabalhadores e sobre o impacto causado nas suas equipes, organizações, e nos respectivos setores de atividade de uma maneira geral.

O questionário foi aplicado de forma *on-line* mediante envio de *link* do *Google forms*. Tal instrumento inclui, em sua parte inicial, um conjunto de questões que visam recolher dados sociodemográficos sobre os respondentes. Para medir a inteligência espiritual foi usado o Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual com 16 itens, IAIE-16, versão da escala SISRI-24 de King (2008) validada para o português através das pesquisas de Antunes (2016). A SISRI-24 é uma das escalas mais utilizadas pelos investigadores ao redor do mundo, nos mais diversos campos do conhecimento, com questões de mais fácil entendimento e revelou-se equilibrada no que se refere à quantidade de dimensões e itens (Antunes, 2016).

A escala de inteligência espiritual adotada é do tipo *Likert* e as respostas variam entre 0 e 4, em que 0 exprime “não tem nada a ver comigo” e 4 “tem tudo a ver comigo” em relação a cada item. A IAIE-16 varia entre 0-64 pontos. O critério adotado para determinar o nível de inteligência espiritual foi o de calcular a distribuição dos valores dos percentis 33 e 66 (Antunes, 2016).

No caso da resiliência emocional recorreu-se à escala unidimensional CD-RISC, versão de 10 itens, sintetizada por Campbell-Sills e Stein em 2007 a partir da versão de 25 itens de Connor e Davidson (2003). A CD-RISC é uma escala *Likert* de 5 pontos, onde as respostas variam entre 0 e 4, em que 0 exprime discordo totalmente e 4 concordo totalmente em relação a cada item. As pontuações mais altas refletem maior nível de resiliência emocional (Almeida et al., 2020; Connor & Davidson, 2003; Lopes & Martins, 2011).

A escolha da escala CD-RISC-10, assim como a de inteligência espiritual dá-se tanto pela simplicidade deste instrumento – pois as perguntas são objetivas, práticas, de fácil compreensão por parte dos respondentes – como também pela praticidade na sua utilização e aplicação. Deve-se ainda dar atenção à sua popularidade, patente em outros estudos da mesma área, nomeadamente artigos que relacionam estudos de inteligência espiritual e resiliência emocional e também pelo seu grau de confiabilidade (com valores elevados de consistência interna).

Avaliou-se a fidelidade do instrumento, pela análise de consistência interna às escalas e dimensões, através do alfa de Cronbach e buscou-se comparar os resultados com os encontrados nos estudos realizados pelos autores que desenvolveram ou usaram aquelas medidas. Com relação à escala de inteligência espiritual, a análise de confiabilidade da escala global demonstrou Alfa de Cronbach igual a 0,94. Concernente a dimensão Pensamento Existencial Crítico (PEC) obteve-se um resultado de alfa= 0,87. Nos estudos de Antunes (2016, 2018), a mesma dimensão obteve um Alfa de Cronbach igual a 0,84. A dimensão Produção de Significado Pessoal (PSP), obteve um alfa= 0,88, enquanto que no estudo de Antunes (2016, 2018) o valor foi ligeiramente inferior (alfa= 0,84). Na dimensão Expansão do Estado de Consciência (EEC) da escala de IE, obteve-se alfa= 0,89, enquanto que na análise realizada por Antunes (2016, 2018) o coeficiente de alfa= 0,86. Os resultados revelam uma elevada consistência interna da escala de inteligência espiritual e dimensões.

No que se refere a escala de resiliência emocional, obtivemos coeficiente de alfa= 0,89, enquanto que, no estudo original desenvolvido por Campbell-Sills e Stein (2007) encontrou-se um Alfa de Cronbach de valor igual a 0,85, sendo de boa propriedade psicométrica. Relembra-se que a escala usada no presente estudo é uma versão portuguesa com permissão de uso pelos autores, visto que a escala CD-RISC-10, à época de coleta dos dados, ainda não ter sido traduzida e validada para o português. A pesquisa mais próxima encontrada na época de utilização desta escala é a validada por Lopes e Martins (2011) para o português, aplicada à população brasileira, onde se encontrou um Alfa Cronbach de 0,82. Em 2020, foi publicado um estudo de validação da CD-RISC-10 para a população portuguesa (Almeida et al., 2020).

Para avaliar a normalidade dos dados, foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnova, visto a quantidade de respondentes ser superior a 100 (Marôco, 2018). Encontrou-se valor de significância de 0,00, tanto para a escala de inteligência espiritual, quanto para a escala de resiliência emocional. Assim, rejeita-se a hipótese nula de que as escalas possuem distribuição normal ($p \geq 0,05$).

Para avaliar a relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional foram calculados os coeficientes de correlação. Procedeu-se primeiramente a análise de consistência interna das escalas, e dimensões (quando aplicada) mediante o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Posteriormente, realizou-se o teste de normalidade para avaliar se as variáveis seguiam distribuição normal ou não. Como o teste de Kolmogorov-Smirnova revelou $p < 0,05$ para as duas escalas, a distribuição das mesmas foi considerada como não normal. Por esta razão, a correlação de Spearman foi calculada para quantificar a associação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, e assim responder ao objetivo geral do presente estudo.

A estatística descritiva foi utilizada para caracterizar as pontuações da escala IAIE-16 e CD-RISC-10 na amostra total por cada categoria do sociodemográfico. Assim, foram aplicados os testes U de Wilcoxon-Man-Whitney e o H de Kruskal-Wallis para verificar a *performance* de cada grupo no que se refere ao perfil sociodemográfico. O teste U de Man-Whitney, como é mais conhecido, foi escolhido por ser um teste não-paramétrico que avalia a diferença de variáveis que possuem duas categorias. O teste H de Kruskal-Wallis foi escolhido por avaliar diferenças de variáveis quantitativas que possuam mais de duas categorias, para os casos em que o teste U de Man-Whitney não pôde ser aplicado. O programa utilizado para realização de todas as análises de dados, descritas anteriormente, foi o SPSS, versão 26.

4 RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Participaram do estudo 104 gestores, dos quais 53,80% são do sexo feminino e 46,20% do sexo masculino. Referente a idade, verifica-se que a maior parte dos respondentes tem entre 36 e 45 anos de idade (40,40%). Os indivíduos com menos de 25 anos representam 3,80% da amostra, 15,40% possuem entre 26 e 35 anos, 29,80% entre 46 e 55 anos e 8,70% entre 56 e 65 anos e 1,90% têm 66 anos ou mais. Concernente ao estado civil, a maioria encontra-se casada (39,40%) ou solteira (30,80%). 41,30% dos participantes revelou não possuir filhos, enquanto os 58,70% restantes possuem 1 ou mais filhos. O grau acadêmico dos entrevistados é, majoritariamente, a licenciatura (39,40%), seguido pelo mestrado e especialização (com 24,00% cada) e apenas 1 participante (1,00%) referiu ter doutorado ou pós-doutorado.

No que concerne aos dados profissionais, apenas 20,20% dos gestores detém cargos estratégicos dentro da organização. 34,60% dos gestores situam-se na gestão intermediária da empresa e uma grande parte, num total de 47 gestores (45,20%), estão na gestão de linha da organização.

No que se refere ao tempo de experiência profissional, grande parte dos gestores possui 21 anos ou mais tempo de experiência dentro da profissão em que atuam, o que corresponde a 30,80% dos respondentes. 23,10% de gestores possuem entre 11 e 15 anos de experiência na profissão; 17,30% entre 6 e 10 anos; e 17,30% entre 16 e 20. Apenas 11,50% declararam possuir tempo de experiência inferior a 5 anos.

Relativamente à antiguidade na organização, 43,30% dos gestores têm um tempo de serviço inferior a 5 anos dentro da empresa para a qual trabalham, seguido por 21,20% que têm entre 6 e 10 anos; 18,30% têm 21 anos ou mais; 11,50% entre 11 e 15 anos; e apenas 5,80% dos gestores referem ter entre 16 e 20 anos de antiguidade dentro da organização.

Por fim, no tocante a antiguidade na função que exercem atualmente, 39,40% dos gestores declararam possuir antiguidade na função inferior a 5 anos, seguido de 21,20%

indivíduos com antiguidade na função entre 6 e 10 anos; 15,40% dos indivíduos entre 11 e 15 anos; 10,60% entre 16 e 20 anos; e 13,50% com 21 ou mais anos de antiguidade na função.

Quando inquiridos acerca da religiosidade, 59 gestores (56,70%) declararam possuir algum tipo de religião e serem praticantes; 20 gestores (19,20%) declararam possuir religião, mas que não a praticam. Por fim, 6 indivíduos (5,80%) revelaram não possuir religião e 19 (18,30%) indivíduos afirmaram possuir outras crenças de vida.

4.2 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A média global observada para a escala IAIE foi de 42,26 pontos (DP= 12,85; EP= 1,26), variando entre 13,00 e 64,00. A mediana foi de 42,50, sendo que 75% dos participantes obteve 52,75 pontos e 25% obteve 33,50 pontos. Podemos inferir com isso que, de acordo com a tabela de pontuações do IAIE-16, a maior parte dos gestores possui um nível de inteligência espiritual médio (entre 33 e 45 pontos). No estudo de Antunes (2016) os seus respondentes também apresentam um nível de inteligência espiritual médio, onde o valor global observado para o IAIE foi de 37,55 pontos, variando entre 6 e 64 pontos.

A média para a dimensão PEC foi de 15,90 pontos (DP= 5,418; EP= 0,531), variando entre 3 e 24 pontos. A mediana foi de 16,00 (Q1= 12,00; Q3= 21,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão PEC com valores ligeiramente mais baixos do que no presente estudo, com média de 14,22, com mínimo de 1,00 e máximo de 20,00 pontos. A média para a dimensão PSP foi de 14,34 (DP= 4,24; EP= 0,41), variando entre 4 e 20 pontos. A mediana foi de 15,00 (Q1= 12,00; Q= 17,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão PSP valores ligeiramente mais baixos com média de 13,38, variando entre 1 e 20,00. A média para a dimensão EEC foi de 12,02 (DP= 4,61; EP= 0,45), variando entre 3 e 20 pontos. A mediana foi de 12,00 (Q1= 8,00; Q3= 15,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão EEC valor mais baixo com média de 9,94, variando entre 0 e 20,00. De acordo com os dados obtidos, os gestores que participaram do estudo apresentam níveis de IE médios, mas ligeiramente mais elevados quando comparados com o estudo de Antunes (2016), a quem se deve a adaptação da escala de IE para o contexto.

Para a escala de resiliência emocional, CD-RISC-10, a média observada no presente estudo é de 28,07 pontos (DP= 6,90; EP= 0,67), variando entre 4 e 40 pontos. Pontuações mais elevadas representam alto nível de resiliência (Almeida et al., 2020; Campbell-sills et al., 2009; Connor & Davidson, 2003; Lopes & Martins, 2011). Sendo assim, tem-se que as pessoas que obtiveram 4 ou valores próximos apresentam um nível de resiliência baixo comparado ao daquelas que apresentaram 40 ou valores próximos de 40, que traduzem níveis superiores de resiliência emocional. Assim, podemos observar que a média está mais próxima de um elevado nível de resiliência emocional para os gestores participantes do estudo.

A mediana foi de 29,00, sendo que 75% dos participantes obteve 33,00 pontos, enquanto 25% dos participantes obteve 25,25 pontos. Marselle, Warber e Irvine (2019), no seu estudo com sobre o aumento da resiliência decorrente da interação com a natureza (caminhadas de grupo na natureza), realizado com 1081 pessoas no Reino Unido, obtiveram uma pontuação média semelhante de 28,60 pontos. No estudo de Lopes e Martins (2011), a pontuação média encontrada foi de 29,07. Almeida et al. (2020) dividiram seu estudo em duas amostras, onde a primeira apresentou pontuação de 25,94 e a segunda de 25,93.

A Tabela 1 apresenta as pontuações totais das escalas IAIE e suas dimensões e da escala unidimensional CD-RISC-10.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas para a escala IAIE e respectivas dimensões e escala CD-RISC (n= 104)

	IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
Média	42,26	15,90	14,34	12,02	28,07
Erro Padrão	1,261	0,531	0,416	0,453	0,677
Mediana	42,50	16,00	15,00	12,00	29,00
Desvio Padrão	12,859	5,418	4,242	4,617	6,902
Mínimo	13	3	4	3	4
Máximo	64	24	20	20	40
Percentis					
25	33,50	12,00	12,00	8,00	25,25
75	52,75	21,00	17,00	15,00	33,00

IAIE= Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual; CD-RISC= Connor and Davidson Resilience Scale; PEC= pensamento existencial crítico; PSP= produção de significado pessoal; EEC= expansão do estado de consciência.

Fonte: Elaboração Própria

Analisou-se a distribuição das respostas (frequência e percentagem) por níveis de inteligência: baixo, médio e elevado. Foi possível verificar que 44,20% dos participantes apresentam uma inteligência espiritual classificada como alta, 31,80% situam-se no nível médio e 24,00% relevam um nível de inteligência espiritual classificado como nível baixo.

Foram analisadas as pontuações médias para as escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional de acordo com as características sociodemográficas dos participantes/gestores. Recorreu-se à utilização dos testes não paramétricos U de Mann-Whitney e H de Kruskal-Wallis com nível de significância de 5%, sendo considerados significativos os resultados com valor de $p < 0,05$, uma vez que os dados não revelaram normalidade na sua distribuição. Foram realizados testes de comparações múltiplas (*post-hoc*) para comparar as médias nas diferentes categorias das variáveis sociodemográficas e verificar qual ou quais os pares de médias apresentam diferenças significativas.

Através do teste U de Mann-Whitney, verificou-se que as pontuações da escala de inteligência espiritual, por gênero, revelam níveis de IE superiores nas mulheres comparativamente aos dos homens. Todavia, a diferença não é estatisticamente significativa. Também não se encontraram diferenças significativas nas pontuações das dimensões de inteligência espiritual em função do gênero.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a relação entre a variável idade e a escala de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional. No presente estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) nos grupos etários, tanto na escala IAIE-16 e suas dimensões, como na escala de resiliência emocional.

Na pesquisa de King (2008) foi encontrada uma correlação positiva entre a idade e a inteligência espiritual e suas dimensões, com $p < 0,01$, todavia o autor não analisou que grupos etários apresentam diferenças significativas, sugerindo que outros estudos deveriam ser efetuados para observar em quais intervalos há essa diferença. No estudo de Antunes (2016), os participantes mais jovens revelaram um nível de inteligência espiritual inferior aos mais velhos. Resultado idêntico foi encontrado para as dimensões da escala IAIE-16.

Relativamente à escala CD-RISC, segundo o estudo de Bonanno et al. (2007), a idade aparece positivamente associada à resiliência emocional, ou seja: quanto mais velhos, mais resilientes do ponto de vista emocional. Ainda para Bonanno et al. (2007), pessoas que têm 65 anos ou mais são três vezes mais resilientes do que àquelas que possuem entre 18 e 24 anos. Resultado semelhante foi encontrado nos estudos de Campbell-Sills et al. (2009) e por Lopes e Martins (2011), muito embora neste último caso a correlação encontrada seja baixa. Lamond et al. (2008) e Wu et al. (2016) encontraram uma baixa correlação entre a idade e a resiliência emocional em adolescentes. Ao contrário dos estudos anteriores, Connor e Davidson (2003) e

Huang (2009) não encontraram correlação significativa entre a idade e a resiliência emocional. Para Liu et al. (2015), a idade não é um fator relevante para a resiliência emocional.

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função do estado civil para a escala global de inteligência espiritual e suas dimensões. Todavia, a escala de resiliência emocional apresenta diferenças significativas ($p < 0,05$). Os participantes viúvos apresentam o valor médio mais baixo na escala de resiliência emocional, ou seja, 15,33 (DP= 11,84; EP= 6,83). Entre os solteiros, o resultado mais elevado: 29,97 (DP= 5,18; EP= 0,91), seguidos dos casados: 29,20 (DP= 5,56; EP= 0,86). Os gestores em união de facto apresentam um valor médio de resiliência emocional de 26,62 (DP= 6,78; EP= 1,88).

O teste *post-hoc*, que compara as médias nas diferentes categorias de resposta da variável independente, demonstra diferenças significativas em termos de resiliência emocional entre os grupos “solteiros”, onde se verifica o nível de resiliência emocional mais elevado, e “divorciados” ($p = 0,047$) e os grupos “solteiros” e “viúvos” ($p = 0,038$).

No estudo de Antunes (2016), os viúvos pontuaram mais do que as restantes categorias da variável estado civil para a escala de inteligência espiritual, sendo significativa a diferença entre os grupos “solteiros” e “viúvos”, do ponto de vista estatístico. No estudo de King (2008) esta análise comparativa não foi apresentada.

Em várias pesquisas, a relação entre a CD-RISC e o estado civil revelou-se inconsistente. É o caso dos estudos conduzidos por Connor e Davidson (2003) e Lamond et al. (2008). Para Wu et al. (2016) não existe relação entre a resiliência emocional e o estado civil. Outras pesquisas, porém, revelam diferenças significativas no nível de resiliência emocional em função do estado civil (Campbell-Sills et al., 2009; Levasseur et al., 2017). Nestes estudos, as pessoas viúvas apresentavam nível de resiliência emocional mais baixos do que aqueles que estavam casados ou divorciados.

Verificou-se que não há diferenças significativas em função da variável ter ou não ter filhos e a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional. A partir do teste H de Kruskal-Wallis, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos grupos correspondentes aos vários graus académicos, tanto na escala IAIE-16 e suas dimensões, como na escala de resiliência emocional.

A partir da análise do teste H, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas em função do nível de gestão para a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões) e a escala de resiliência emocional. Com relação à existência de diferenças nos níveis de inteligência espiritual, bem como de resiliência emocional em função da experiência profissional, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no nível de inteligência espiritual global e em duas dimensões de IE (Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência) consoante o número de anos de experiência profissional.

Para identificar quais os grupos da variável “experiência profissional” que demonstram diferenças, procedeu-se ao teste de comparações múltiplas (*post-hoc*). Existem diferenças em matéria de inteligência espiritual ($p = 0,002$) nos grupos “entre 16 e 20 anos de experiência profissional”, que registra o valor médio mais elevado, ou seja, 46,56 (DP= 12,36; EP= 2,91) e “5 anos ou menos de experiência profissional”, que apresenta o valor mais baixo de 34,25 (DP= 8,18; EP= 2,36).

Existem diferenças para a dimensão PSP ($p = 0,00$) nos grupos “5 anos ou menos”, que obtiveram o valor médio mais baixo de 11,25 (DP= 2,89; EP= 0,83) e “entre 16 e 20 anos de experiência profissional”, com valor médio mais elevado de 15,89 (DP= 5,71; EP= 1,34). E ainda nos grupos “entre 6 e 10 anos de experiência profissional”, com uma pontuação de 15,17 (DP= 3,94; EP= 0,93) e “5 anos ou menos”, com um $p = 0,004$. Já o grupo “entre 11 e 15 anos” pontuou 15,29 (DP= 3,85; EP= 0,78) e possuem diferença significativa ($p = 0,001$) em relação ao grupo “5 anos ou menos”.

Em relação a dimensão EEC o valor médio mais baixo foi de 9,42 (DP= 2,31; EP= 0,66) para o grupo “5 anos ou menos de experiência profissional”, enquanto o valor médio mais elevado foi o do grupo “entre 11 e 15 anos” de 13,46 (DP= 4,37; EP= 0,89), sendo a diferença significativa ($p= 0,005$). O grupo “21 anos de experiência profissional ou mais”, com pontuação de 10,97 (DP= 4,12; EP= 0,72) apresenta diferença significativa ($p= 0,038$) com o grupo “entre 11 e 15 anos”. Os resultados podem ser encontrados na Tabela 2.

Tabela 2 - Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Experiência Profissional (n= 104)

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
<=5 anos (n= 12)	Média	34,25	13,58	11,25	9,42	24,33
	Erro Padrão	2,362	1,276	0,836	0,668	1,936
	Mediana	35,00	14,50	11,00	10,00	26,50
	Desvio Padrão	8,181	4,420	2,896	2,314	6,706
	Mínimo	16	6	5	5	10
	Máximo	48	22	16	13	33
	Percentis	25 75	30,50 39,25	9,75 15,75	10,00 13,00	7,25 11,00
6-10 anos (n= 18)	Média	44,83	16,94	15,17	12,72	29,06
	Erro Padrão	3,064	1,211	0,930	1,174	1,130
	Mediana	47,50	16,50	15,00	13,50	29,00
	Desvio Padrão	12,999	5,139	3,944	4,980	4,795
	Mínimo	18	9	5	4	19
	Máximo	64	24	20	20	40
	Percentis	25 75	32,00 55,75	12,50 21,50	12,00 19,25	7,75 15,50
11-15 anos (n= 24)	Média	44,96	16,21	15,29	13,46	30,42
	Erro Padrão	2,556	1,183	0,786	0,893	1,207
	Mediana	45,50	17,00	16,00	13,50	31,50
	Desvio Padrão	12,523	5,793	3,850	4,374	5,912
	Mínimo	13	3	5	5	19
	Máximo	64	24	20	20	38
	Percentis	25 75	37,75 55,75	12,00 21,50	14,25 18,00	11,00 17,75
16-20 anos (n= 18)	Média	46,56	17,67	15,89	13,00	28,00
	Erro Padrão	2,914	1,140	0,783	1,348	1,555
	Mediana	49,00	18,50	16,00	14,00	28,00
	Desvio Padrão	12,363	4,839	3,324	5,719	6,598
	Mínimo	18	7	6	3	10
	Máximo	64	24	20	20	39
	Percentis	25 75	38,00 56,25	14,00 22,00	14,00 18,25	7,75 18,25
21 anos ou + (n= 32)	Média	39,38	14,97	13,44	10,97	27,19
	Erro Padrão	2,366	1,014	0,869	0,729	1,467
	Mediana	41,00	15,50	14,00	11,50	29,00
	Desvio Padrão	13,387	5,733	4,918	4,123	8,299
	Mínimo	14	4	4	4	4
	Máximo	61	24	20	19	38
	Percentis	25 75	27,25 50,00	11,00 18,75	8,25 17,75	6,00 14,00
	Significância (p)*	0,023	0,225	0,008	0,042	0,138

*A diferença média é significativa no nível $p<0,05$.

Fonte: Elaboração Própria

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função da antiguidade dentro da organização para a escala global de inteligência espiritual e para a escala de resiliência emocional.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a relação entre a variável antiguidade na função e a escala global de inteligência espiritual, e a escala de resiliência emocional. No presente estudo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no nível de inteligência espiritual e nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência em função da variável antiguidade na função.

Para identificar em que categorias da variável “antiguidade na função” existem diferenças, foi realizado o teste de comparações múltiplas (*post-hoc*). Foram encontradas diferenças nos pares de médias dos grupos, relativamente a inteligência espiritual, “entre 11 e 15 anos de antiguidade na função”, que registra o valor médio mais elevado, ou seja, 49,13 (DP= 10,21; EP= 2,55) e “entre 16 e 20 anos de antiguidade na função”, que apresenta o valor médio mais baixo, de 33,55 (DP= 14,98; EP= 4,51), com um $p= 0,005$. O grupo que possui “5 anos ou menos de antiguidade na função”, com pontuação de 41,02 (DP= 12,01; EP= 1,87) tem diferença significativa ($p= 0,02$) com o grupo “entre 11 e 15 anos de antiguidade na função”. Foram encontradas também diferenças significativas no grupo “entre 6 e 10 anos”, que registra valor médio de 43,91 (DP= 11,70; EP= 2,49) e o grupo “entre 16 e 20 anos”, com um $p= 0,048$.

Foram encontradas diferenças nos pares de médias dos grupos, relativamente a dimensão PSP, “entre 11 e 15 anos”, que registra o valor médio mais elevado, ou seja, 17,00 (DP= 2,44; EP= 0,61) e “entre 16 e 20 anos”, que apresenta o valor médio mais baixo de 12,18 (DP= 5,13; EP= 1,54), com um $p= 0,017$. O grupo “5 anos ou menos” obteve valor médio de 13,66 (DP= 4,98; EP= 0,62) apresentando diferença significativa ($p= 0,04$) com o grupo “entre 11 e 15 anos”

Concernente a dimensão EEC, foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos “entre 11 e 15 anos”, que registra o valor médio mais elevado, ou seja, 14,63 (DP= 4,19; EP= 1,04) e “entre 16 e 20 anos”, que apresenta o valor médio mais baixo de 9,09 (DP= 5,02; EP= 1,51), com um $p= 0,008$. O grupo “entre 16 e 20 anos” apresenta diferença significativa ($p= 0,05$) com o grupo “5 anos ou menos”, que obteve valor médio de 11,68 (DP= 4,20; EP= 0,65). Também foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos “entre 11 e 15 anos” e “5 anos ou menos”, com um $p= 0,018$.

Não há diferenças estatisticamente significativas em função da religião para a escala global de inteligência espiritual e as dimensões PSP e EEC, porém foram observadas para a dimensão PEC. Estas não são vislumbradas para a escala de resiliência emocional em função da religião.

Referente a dimensão PEC, verificou-se que os gestores que declararam não possuir nenhuma religião apresentam o valor médio mais elevado, de 17,83 (DP= 5,30; EP= 2,16), e o valor mais baixo foi encontrado nos participantes que possuem algum tipo de religião, mas que não a praticam, pontuando 12,70 (DP= 4,75; EP= 1,06), sendo essa diferença significativa ($p= 0,039$). Os participantes que possuem algum tipo de religião e a praticam obtiveram 16,41 (DP= 5,37; EP= 0,69). O grupo que “possui outras crenças de vida” obteve valor médio de 17,11 (DP= 5,31; EP= 1,21), que é significativamente diferente da média correspondente ao grupo que “possui religião e não pratica” ($p= 0,006$).

4.3 ANÁLISES DE CORRELAÇÃO ENTRE AS ESCALAS DE INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E RESILIÊNCIA EMOCIONAL

Finalmente, procedeu-se à análise bivariada, com recurso ao coeficiente de correlação de Spearman (Tabela 3). A resiliência emocional está positivamente associada à inteligência espiritual, com coeficiente de Spearman igual a 0,238 ($p < 0,05$). Este resultado, de acordo com

Marôco (2018) demonstra que a correlação é fraca, muito embora a expectativa – tanto no início desta pesquisa, quanto da literatura da área – fosse de uma correlação mais forte (Dodman & Moradi, 2015; Hatami et al., 2019; Partovi & Boland, 2016; Saboori & Mohammadi, 2017; Salmabadi et al., 2016; Sogolitappeh, 2018 e Sood & Bakhshi, 2013). Corroborando com outros estudos sobre o tema, como os dos autores citados, esta correlação sugere ainda que as pessoas espiritualmente mais inteligentes tenderão a ser mais resilientes do ponto de vista emocional.

Tabela 3 - Correlações Entre as Escalas de Inteligência Espiritual, e suas Dimensões, e Resiliência Emocional (N= 104)

		Inteligência Espiritual (IE)	Pensamento Existencial Crítico (PEC)	Produção de Significado Pessoal (PSP)	Expansão do Estado de Consciência (EEC)
Resiliência Emocional (RE)	Correlação de Spearman	0,238*	0,133	0,300**	0,255*

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Fonte: Elaboração Própria

Com relação às associações entre as dimensões de inteligência espiritual e a resiliência emocional, verifica-se que o valor da correlação não é estatisticamente significativo no caso da dimensão Pensamento Existencial Crítico ($r_s = 0,133$, $p > 0,05$), sendo significativos nas restantes dimensões. Tanto a dimensão Produção de Significado Pessoal como a Expansão do Estado de Consciência estão positivamente correlacionadas com a resiliência emocional, embora as correlações sejam fracas, respectivamente $r_s = 0,300$; $p < 0,01$ e $r_s = 0,255$; $p < 0,05$.

5 CONCLUSÃO

Para Fry et al. (2011), as organizações que não incorporarem a espiritualidade no local de trabalho fracassarão em fazer as mudanças para o paradigma da organização que aprende, necessária ao sucesso no século XXI. Os gestores bem-sucedidos no século XXI serão líderes espiritualmente inteligentes (Cacciope, 2000). Serão ainda mais bem-sucedidos do que outros gestores por desempenharem a sua função com paixão; e por isso, em momentos de decisões difíceis, possuirão força interior que os tornam mais eficientes e eficazes (Rego & Cunha, 2013).

Para Rego e Cunha (2013), o líder espiritualmente inteligente é capaz de ajudar a fazer com que toda a sua equipe se sinta parte integrante da organização. Os autores descrevem que as pessoas que compõem uma organização têm uma vida interior que alimenta e é alimentada pela realização de trabalho com significado num contexto de comunidade. E acrescentam que organizações com gestores espiritualmente inteligentes garantem benefícios como: o respeito pela dignidade das pessoas, a partilha de um sentido de propósito, a solidariedade, a liderança conquistada (e não imposta), a compreensão mútua, o serviço caracterizado pela alegria, humor, entusiasmo, as relações de cooperação assentadas numa lógica de ganha-ganha.

Os resultados obtidos na pesquisa empírica sugerem que o nível global de inteligência espiritual e os níveis nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência diferem consoante a experiência profissional. Os gestores que possuem entre 6 e 10 anos de experiência profissional e entre 11 e 15 anos obtiveram pontuação mais elevada do que os grupos restantes. Segundo a literatura da área, a inteligência espiritual é aquela que dá sentido à vida e à existência. Os resultados aqui encontrados levam a crer que os gestores que possuem mais experiência também são aqueles que sentem que a sua vida possui sentido na carreira que escolheram. Ressalta-se que outros estudos mais específicos sobre o estilo de vida destes indivíduos precisam ser conduzidos a fim de comprovar esta teoria.

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas decorrentes da antiguidade na função, tanto na escala global de inteligência espiritual como nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência. Os participantes que têm entre 11 e 15 anos de antiguidade na função apresentam pontuações mais elevadas comparativamente aos gestores nos outros intervalos (número de anos na função).

Apenas a dimensão Pensamento Existencial Crítico registou diferenças significativas em função da variável religiosidade, sendo que o nível global de inteligência espiritual e nas outras duas dimensões não parece diferir conforme “o ter ou não religião” ou “ter outras crenças”. Foi nos grupos que revelaram “não possuir religião” ou “possuir outras crenças de vida” que as pontuações são mais elevadas em relação às demais categorias.

Os níveis de inteligência espiritual (geral e nas respetivas dimensões) não apresentam diferenças com significado estatístico nas variáveis idade, gênero, estado civil, número de filhos, nível de habilitações académicas, antiguidade na organização e nível de gestão.

Relativamente à resiliência emocional, verificou-se que os participantes nas categorias de resposta “solteiros” obtiveram pontuações mais elevadas do que o grupo de divorciados e viúvos, sendo as diferenças estatisticamente significativas. O nível de resiliência emocional de “viúvos” nos estudos de Campbell-Sills et al. (2009) e Levasseur et al. (2017) revelou-se mais baixo do que o dos participantes que estavam casados ou divorciados. Também não há evidências sobre alterações significativas na resiliência emocional dos gestores onde o tipo de credo é distinto.

A partir da análise bivariada, revelou-se a existência de uma correlação positiva entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, embora baixa. Ou seja, esta associação positiva sugere que quanto mais elevada a inteligência espiritual, maior a resiliência emocional. Duas dimensões da inteligência espiritual também aparecem positivamente correlacionadas com a resiliência emocional. São elas: a Produção de Significado Pessoal e a Expansão do Estado de Consciência. Apesar de terem significado estatístico, os valores encontrados sugerem correlações fracas.

O presente estudo apresenta uma contribuição à literatura no domínio da relação entre inteligência espiritual e resiliência emocional, campo ainda pautado pela escassez de estudos. Para os gestores nas organizações, espera-se que o estudo sensibilize para outras abordagens na gestão das pessoas, chamando a atenção para outro tipo de inteligência (espiritual) para além das mais convencionais: inteligência racional e a inteligência emocional.

A pesquisa revela que, quanto mais elevada a inteligência espiritual, maior a resiliência emocional. Na prática, isso sugere que a utilização e o bom uso da inteligência espiritual no dia a dia podem fazer com que as pessoas enfrentem os seus problemas da melhor maneira possível, tornando-se resilientes emocionalmente frente aos desafios que aparecem em todos os aspectos da vida, e claro, dentro das organizações que fazem parte. É um chamado de uma nova era em que as pessoas não sejam apenas consideradas recursos, mas sim seres humanos competentes e conscientes – não só a nível intelectual, mas também espiritual. Um chamado em que as pessoas sejam suficientemente fortes, resilientes para suportar os encargos das mudanças constantes que o mercado e os negócios em escala mundial impõem.

A pesquisa apresenta limitações, algumas das quais podem ser aperfeiçoadas em futuros estudos. O número de respondentes resultou numa amostra de tamanho inferior ao que se esperava. Encontrar pessoas que se dispusessem a responder ao questionário foi um desafio. E, daquelas que resolveram participar do estudo, algumas recusaram-se a responder pelo tamanho do instrumento. Embora nos objetivos esteja muito claro que o que se pretendeu foi estudar algumas dimensões da resiliência – uma vez que para estudar a resiliência como um todo exigiria outros recursos – a extensão do questionário e a complexidade das temáticas poderá ter dissuadido alguns indivíduos de participarem do estudo.

Com relação às sugestões para pesquisas futuras, dimensões como autoestima, *stress* e traumas, por exemplo, podem ser interessantes de serem trabalhadas junto às escalas de resiliência a fim de averiguar a relação com a inteligência espiritual. Sugere-se ainda a realização de estudos do tipo qualitativo, com a realização de entrevistas junto a estes gestores.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. H., Dias, S., Xavier, M., & Torgal, J. (2020). Validação exploratória e confirmatória da escala de resiliência Connor-Davidson (CD-RISC-10) numa amostra de inscitos em centros de emprego. *Revista Científica da Ordem dos Médicos: Acta Medica Portuguesa*, 33(2), 124-132.
- Amram, Y., & Dryer, C. (2008). *The Integrated Spiritual Intelligence Scale (ISIS): Development and preliminary validation*. Paper presented at the 116th Annual Conference of the American Psychological Association, Boston, MA.
- Antunes, R. R. (2016). *Liderança pedagógica, bem-estar e inteligência espiritual em educadores de infância e professores dos ensinos básico e secundário*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação, Lisboa.
- Antunes, R. R., Silva, A. P., & Oliveira, J. (2018). Spiritual intelligence self-assessment inventory: Psychometric properties of the Portuguese version of SISRI-24. *Journal of Religion, Spirituality & Aging*, 30(1), 12-24. doi: 10.1080/15528030.2017.1324350.
- Araújo, M. F. M., Almeida, M. I., Cidrack, M. L., Queiroz, H. M. C., Pereira, M. C. S., & Menescal, Z. L. C. (2008). O papel da religiosidade na promoção da saúde do idoso. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 21(3), 201-208. doi: 10.5020/18061230.2008.
- Bakker, A. B., Rodríguez-Muñoz, A., & Derks, D. (2012). La emergencia de la psicología de la salud ocupacional positiva. *Psicothema Journal*, 24(1), 66-72. Recuperado em 27 de agosto de 2019, de <http://www.psicothema.com/psicothema.asp?id=3980>.
- Bonanno, G. A., Galea, S., Bucchiarelli, A., & Vlahov, D. (2007). What predicts psychological resilience after disaster? The role of demographics, resources, and life stress. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(5), 671-682.
- Brandão, J. M., & Nascimento, E. (2019). Resiliência psicológica: Da primeira fase às abordagens baseadas em trajetória. *Revista Memorandum*, 36, 1-31. Recuperado em 20 de agosto de 2019, de periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6875.
- Bruce, W. (2000). Spirituality in public service. *International Journal of Organization Theory and Behavior*, 3(4), 599-632.
- Cacciope, R. L. (2000). Creating spirit at work: Re-visioning organization development and leadership – Part II. *Leadership & Organization Development Journal*, 21(1), 48-54.
- Campbell-Sills, L., & Stein, M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC): validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress*, 20(6), 1019-1028. doi: 10.1002/jts.20271.
- Campbell-Sills, L., Forde, D., & Stein, M. B. (2009). Demographic and childhood environmental predictors of resilience in a community sample. *Journal of Psychiatric Research*, 43(12), 1007-1012.
- Cavanagh, G. F., & Bandsuch, M. R. (2002). Virtue as a benchmark for spirituality in business. *Journal of Business Ethics*, 38(1-2), 109-117.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Journal of Depression and Anxiety*, 18(2), 76-82.
- Denyer, D. (2017). *Organizational Resilience: A summary of academic evidence, business insights and new thinking*. Cranfield: BSI and Cranfield School of Management Cranfield University.

- Dicionário Etimológico (2018). *Origem da palavra religião*. Recuperado em 15 de outubro de 2019, de <https://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>
- Foucault, M. A. (2006). *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fry, L. W., Hannah, S. T., Noel, M., & Walumbwa, F. O. (2011). Impact of spiritual leadership on unit performance, *The Leadership Quarterly Journal*, 22(2), 259–270.
- Gardner, H. (1983). *Estruturas da mente: A teoria das múltiplas inteligências*. Porto Alegre: Artmed.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Huang, M. F. (2009). *Resilience in chronic disease: The relationship among risk factors, protective factors, adaptive outcomes, and the level of resilience in adults with diabetes*. Tese de doutoramento inédita, University of Queensland, Institute of Health and Biomedical Innovation School of Nursing and Midwifery, Australia.
- Kale, S. H. (2004). Spirituality, religion, and globalization. *Journal of Macromarketing*, 24(2), 92-107.
- King, D. B. (2008). *Rethinking claims of spiritual intelligence: A definition, model, and measure*. Dissertação (Master in Sciences), Trent University, Faculty of Arts and Science, Peterborough, Ontario, Canada.
- King, D. B., Mara, S., & DeCicco, T. L. (2012). Connecting the spiritual and emotional intelligences: Confirming an intelligence criterion and assessing the role of empathy. *International Journal of Transpersonal Studies*, 31(1), 11-20.
- Lamond, A. J., Depp, C. A., Allison, M., Langer, R., Reichstadt, J., Moore, D. J., Golshan, S., Ganiats, T. G., & Jeste, D. V. (2008). Measurement and predictors of resilience among community-dwelling older women. *Journal of Psychiatric Research*, 43(2), 148-154.
- Levasseur, M., Roy, M., Michallet, B., St-Hilaire, F., Maltais, D., & Généreux, M. (2017). Associations between resilience, community belonging and social participation among community-dwelling older adults: Results from the Eastern Townships Population Health Survey. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, 98(12), 2422-2432.
- Liu, D. W. Y., Fairweather-Schmidt, A. K., Burns, R., & Roberts, R. M. (2015). The Connor-Davidson Resilience scale: Establishing invariance between gender across the lifespan in a large community-based cohort. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37, 340-348.
- Lopes, V. R., & Martins, M. C. F. (2011). Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(2), 36-50.
- Marselle, M. R., Warber, S. L., & Irvine, K. M. (2019). Growing resilience through interaction with nature: Can group walks in nature buffer the effects of stressful life events on mental health? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(6), 986.
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics (7a ed.)* Lisboa: Sílabo.
- Masten, A., Best, K., & Garmezy, N. (1990). Resilience and development: Contributions from the study of children who overcome adversity. *Journal of Development and Psychopathology*, 4(2), 425- 444.
- Moraes, S. C. S., Resende, L. M., & Leite, M. L. G. (2007, setembro). *Resiliência organizacional: Atributo de competitividade na era da incerteza*. Congresso internacional de administração, Ponta Grossa. Recuperado em 8 de novembro 2019, de <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/115/1/Edna%20Rodrigues%20Bedani.pdf>
- Moreira-Almeida, A., Neto, L. F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: A review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 242-250.
- Pacheco, P. A. (2012). *Espiritualidade nas organizações ligadas ao desenvolvimento: Uma abordagem etnográfica transcultural*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto.

- Rego, A., & Cunha, M. P. (2013). *Liderança positiva* (3.^a ed.). Lisboa: Sílabo.
- Sabbag, P. Y. (2012). *Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na vida profissional*. São Paulo: Elsevier.
- Solomon, R. C. (2003). *Espiritualidade para céticos: Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sousa, F. A. (1992). *Novo dicionário Lello latino/português*. Porto: Lello & Irmão.
- Tavares, J. (2002). *Resiliência e educação (Org.)* (3a ed.). São Paulo: Cortez.
- Tecchio, E. L. (2015). *A influência da espiritualidade no processo de gestão do conhecimento em empresas de base tecnológica*. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis.
- Tischler, L., Biberman, J., & Mckeage, R. (2002). Linking emotional intelligence, spirituality and workplace performance. Definitions, models and ideas for research. *Journal of Managerial Psychology*, 17, 203-218.
- Tomlinson, J., Glenn, E. S., Paine, D. R., & Sandage, S. J. (2016). What is the «relational» in relational spirituality? A review of definitions and research directions. *Journal of Spirituality in Mental Health*, 18(1), 55-75.
- Torralba, F. (2017). *Inteligencia espiritual, Francesc Torralba* [Ficheiro em Vídeo]. Recuperado em 20 outubro de 2019, de <https://www.youtube.com/watch?v=s0atz-ePLSk>
- Vasconcelos, A. F. (2007). *Espiritualidade no ambiente de trabalho: Dimensões, reflexões e desafios*. São Paulo: Atlas.
- Wu, Z., Liu, Y., Li, X., & Li, X. (2016). Resilience and associated factors among Mainland Chinese women newly diagnosed with breast cancer. *Plos One Journal*, 11(12).
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Revista Psicologia em Estudo*, 8, 75-8.
- Zamani, S. N., & Hajjalizadeh, K. (2015). Studying effect of instructing spiritual intelligence on life quality and psychological well-being in patients with multiple sclerosis. *South Journal of Educational Psychology and Counseling*, 2(1), 28-36.
- Zohar, D., & Marshall, I. (1997). *Rewiring the corporate brain: Using the new science to rethink. how we structure and lead organizations*. San Francisco: Berrett-Koelher.
- Zohar, D., & Marshall, I. (2004). *Inteligência espiritual: QEs*. Lisboa: Lisboa: Sinais de Fogo.